

**A LEITURA DE JORNAL COMO INSTRUMENTO PARA AMPLIAR O DOMÍNIO
DA ORALIDADE E DA ESCRITA EM UMA ESCOLA DE ASSENTAMENTO DO MST:
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Sônia Guariza Miranda

CURITIBA

2008

AGRADECIMENTOS

A Deus, por minha vida e capacidade de discernimento.

Ao meu esposo Antonio Ricardo pelo apoio e aceitar minha ausência com tanta compreensão.

Aos meus filhos Ricardo Arthur, Iassana, Laura e Antonio Filho, pela paciência e amor que demonstraram.

A minha mãe, que é meu maior exemplo de persistência e luta, e a minha irmã, por sempre terem me dado forças, incentivando-me para a conquista dos meus objetivos. Pois na vida é melhor tentar ainda que em vão, do que se sentar fazendo nada até o final.

À minha orientadora Prof^a Dra. Sônia Guariza Miranda, por ter acreditado em mim, por não ter desistido de minha orientação, pelos ensinamentos e apoio transmitidos.

A leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar organização das experiências do leitor ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflitos entre as interpretações, porque permite a liberdade de interpretação e expressão, e faz com que haja enriquecimento do leitor através das justificativas conseguidas por discussões e debates.

(Bragatto Filho)

RESUMO

O presente trabalho teve como objeto de pesquisa “A leitura de jornal como instrumento para ampliar o domínio da oralidade e da escrita em uma escola de assentamento do MST - análise de uma experiência pedagógica”. Optou-se pela análise de uma experiência pedagógica, por se tratar de uma prática que nasceu ainda na graduação da autora em 2003. Na experiência ora relatada fomos introduzindo a leitura do jornal escrito aos poucos nas aulas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, com o objetivo de ampliar a oralidade e escrita dos educandos na faixa etária de 12 a 14 anos da Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio, localizada em um assentamento do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em Fraiburgo – Santa Catarina. Por ser uma escola do campo seus problemas são ainda maiores que o das escolas da zona urbana, devido existir certo descaso dos órgãos responsáveis, em relação à deficiência da leitura e da escrita nessas escolas. Muitos educandos chegam ao ensino médio com grandes problemas orais e na escrita, tornando-se mais difícil qualquer auxílio. Partiu-se da utilização do jornal escrito em sala de aula para ampliar e melhorar essas dificuldades, tornando-os sujeitos com uma visão de mundo mais ampla e crítica. A coleta de dados abrangeu a sistematização do relato da experiência bem como entrevistas com pais e educadores que contribuíram dentro da escola para efetivação desta pesquisa. Através da análise dos dados coletados constatou-se que ampliar a oralidade e a escrita deveria ser parte indispensável no cotidiano escolar dos educandos e educandas dessa escola do campo. Portanto esta pesquisa foi uma forma de analisar a importância de utilizar novas práticas pedagógicas em sala de aula, para estimular o aprendizado. Baseada nos conhecimentos de Pontual (1999), Freire (2006), Vygotsky (1989), e outros que auxiliaram no embasamento teórico, esta pesquisa fundamentou-se na importância do uso do jornal na sala de aula, mostrando que este é um ótimo recurso interdisciplinar, atual e prático. O estudo com esse instrumento de mídia impressa proporcionou aos educandos um contato direto com a realidade e acontecimentos relacionados com o meio em que vivem, informando-os, desenvolvendo a capacidade de raciocínio, reflexão e argumentação, tornando-os cidadãos mais autônomos e críticos.

Palavras-chave: Jornal; Leitura; Oralidade; Escrita; Adolescentes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupo de educandos lendo o Jornal Brasil de Fato.....	23
Figura 2 – Leitura de notícias.....	23
Figura 3 – Educanda explanando notícia escolhida.....	24
Figura 4 – Socializando leituras em ambiente distinto da sala de aula	25
Figura 5 – Educandos familiarizando-se com o jornal	25

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	1
A IMPORTÂNCIA DO JORNAL NA ESCOLA	1
INTRODUÇÃO	1
1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA	1
1.2. JUSTIFICATIVA	2
1.3. ABORDAGEM GERAL E ESPECÍFICA DO PROBLEMA	5
1.4. QUESTÕES ESPECÍFICAS DE PESQUISA.....	6
1.5. OBJETIVOS	6
1.5.1. OBJETIVO GERAL.....	6
1.5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
1.6. METODOLOGIA.....	6
CAPÍTULO II	8
O JORNAL COMO PROPOSTA DE MATERIAL PEDAGÓGICO.....	8
2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA	12
CAPÍTULO III	15
O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA	15
3.1. ANÁLISE DE UM MÉTODO PEDAGÓGICO	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	34

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DO JORNAL NA ESCOLA

INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

Elaborar um projeto de pesquisa é menos complexo que relatar uma experiência que foi vivenciada no âmbito educacional, pela autora do relato, como é este caso, e, sobretudo com o cuidado de garantir o caráter científico investigativo que requer um razoável grau de isenção.

À medida que o tempo passa, a prática docente exige mais e mais, e a inovação das práticas pedagógicas é imprescindível para construir-se uma base sólida na aprendizagem de uma língua, mais especificadamente a língua portuguesa.

Eleger o jornal escrito como material pedagógico significou eleger também um desafio mediante sua utilização para melhorar a leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa e também para ampliar o vocabulário dentro da Língua Espanhola.

Subentendeu-se que o contato, através do jornal escrito, com os fatos que ocorrem diariamente tanto no Brasil como no mundo, despertaria maior interesse pela leitura e ampliaria significadamente a oralidade e a escrita dos educandos dentro das duas disciplinas.

Como educadora que ministra estas disciplinas, e também como a autora do presente estudo, já havíamos usado o jornal escrito como material pedagógico em nosso estágio universitário. Por ter sido uma prática muito rápida não detectamos os benefícios que este novo instrumento podia trazer, porém ao efetivarmos-nos em 2004, como educadora de Língua Espanhola na Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio, iniciamos também a introdução do jornal em sala de aula.

Em 2005, como educadora, começamos a ministrar também a disciplina de Língua Portuguesa e com isso estendemos o uso do jornal escrito a esta disciplina também. Com a utilização do jornal percebeu-se uma melhora, tanto no gosto pela leitura, como na ampliação do vocabulário e na escrita. Este método pedagógico só pôde continuar sendo efetivado devido ao fato de a Secretaria do Estado da Educação de Santa Catarina desenvolver um projeto de jornal na escola e também em razão de as escolas do MST receberem o jornal

Brasil de Fato e o jornal Sem Terra. Tornou-se de fundamental importância, tanto educadora como educandos informarem-se dos acontecimentos da atualidade e de desenvolverem atividades práticas com o auxílio do jornal, seja de leitura, seja para trabalhar a gramática, na tradução de histórias em quadrinhos ou análise de frases, fazendo com que as atividades fossem mais relacionadas com a realidade e dando uma concretude maior às aulas.

Percebeu-se que a ampliação do vocabulário, a coerência na escrita e na fala foram significativas para a aquisição e melhora da linguagem.

Visaram-se estes elementos e primou-se o uso do jornal como instrumento pedagógico objetivando despertar mais ainda o gosto e o prazer pela leitura por ser um dos veículos de informação, mais completo, atualizado, acessível e atrativo. A utilização deste instrumento tem como objetivo vir a somar com o ensino-aprendizagem de maneira integral, possibilitando o conhecimento e a experiência transcendente da vida humana em âmbito pessoal, comunitário e universal.

O jornal escrito é uma proposta alternativa para a redescoberta e ressignificação da prática pedagógica, visto que serve para enriquecer o ambiente educacional propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma participação ativa, crítica e criativa por parte de educandos e educadores, pois apresenta grande diversidade cultural e social, preparando os cidadãos e atualizando-os sobre os acontecimentos do mundo que os cerca.

Enfim no Capítulo I além de abordar a Introdução, também constam assuntos referentes aos procedimentos metodológicos envolvendo a apresentação do tema e justificativa; a abordagem geral e específica do problema; as questões específicas da pesquisa os objetivos da pesquisa; a metodologia do trabalho prático. No Capítulo II será apresentada a fundamentação teórica sobre a importância da leitura e escrita que embasou esta pesquisa. No Capítulo III está descrita a abordagem empírica propriamente dita, com depoimentos dos entrevistados, relato da experiência de utilização do jornal em sala de aula, considerações finais, bibliografia e apêndices.

1.2. JUSTIFICATIVA

A realidade escolar encontra-se em processo de transformação, acompanhando a própria dinâmica social. O avanço tecnológico e as mudanças sociais rápidas estão descaracterizando a função da educação formal, ou seja, a escola. Percebe-se que existe descontextualização no que envolve o acesso à cultura através da leitura e reflexão. A escola

não pode competir na tarefa de viabilizar ao educando a apropriação da informação com os meios de comunicação, porém tem um papel imprescindível que é o de oferecer elementos para analisar a informação.

Diante disso, sente-se a necessidade de que a escola como centralidade na educação, promova a criatividade e a criticidade necessárias para o desenvolvimento de um cidadão capaz de retomar seus valores culturais. Principalmente no que se refere à oralidade e a escrita sendo o estudo contextualizado o melhor caminho, porque oferece novas informações e idéias, além de revelar elementos da cultura e ampliar o vocabulário dos educandos.

A educação é um acúmulo de experiências, o que já se viveu não pode ser esquecido, pois servirá para resolver dificuldades do presente, “o século XXI traz a marca para uma nova história: o século do saber, do conhecimento, da tecnologia”. (PONTUAL, 1999, p. 9). Afirmo este autor ainda que:

Neste contexto, a comunicação desempenha relevante papel, porque é ela que constitui a cultura de massa. [...] mais a velocidade com que são transmitidas as informações, correm o risco de dispensar a reflexão. Pensar, refletir num mundo rápido como este é requisito para errar menos. (PONTUAL, 1999, p. 10).

É neste momento que se vê a verdadeira importância da leitura, o contato direto com os fatos, oportunizando a reflexão. A leitura nos conecta com o mundo, através de várias formas de expressão. E isso dá uma dimensão maior e mais enriquecida da realidade. Os jornais oferecem uma oportunidade de aprender, conhecer e se atualizar sobre o mundo. Os educandos se tornam leitores informados e críticos, participantes ativos do que acontece ao seu redor.

A idéia de utilizar o jornal como instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula transforma-o em uma ferramenta prática para a motivação do ensino. O estudo e a leitura do jornal dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, em alguns casos, são muito mais bem sucedidos do que o simples uso do livro didático.

Além de visar os benefícios já mencionados, escolheu-se também o jornal como instrumento de prática pedagógica de ensino para trabalhar nas aulas, a fim de desenvolver a empatia pela leitura, expressividade oral e produção textual e, sobretudo, desenvolver o espírito crítico para torná-los leitores conscientes e participantes. “Por isso, é fundamental associar mídia e instrução, comunicação e conhecimento, jornal e educação”. (PONTUAL, 1999, p. 10). O jornal pode ser um instrumento que despertará maior interesse

pela leitura, ainda que não substitua o livro e a literatura, mas além de ser de fácil acesso é um excelente recurso didático, pois facilita inclusive o trabalho interdisciplinar onde o mesmo texto pode ser usado por diferentes disciplinas. A linguagem jornalística simples, direta e objetiva, pode facilitar, por exemplo, a interpretação de textos, a análise do discurso e a compreensão das formas de comunicação. “Temos quatro séculos de cultura do livro e esse fato, às vezes, nos impede de abrir nossos sentidos para outras expressões e meios de comunicações”. (PONTUAL, 1999, p. 11).

Trabalhar com o jornal como instrumento de aprendizagem proporciona o hábito da leitura de forma planejada e organizada, garantindo a diversidade de assuntos.

Na atualidade, existe não somente uma tendência, mas também uma necessidade de criar na sala de aula um espaço para a discussão e debates em grupo. Assim, cria-se uma dinâmica de leitura compartilhada. O universo de leitura é ampliado e não apenas o livro é objeto e veículo para especulações e conhecimento, mas também toda a forma de transmissão de comunicação. Nesse sentido, o jornal passa a ter importante papel na prática pedagógica. (PONTUAL, 1999, p. 12).

Portanto, considera-se que o jornal “É o livro popular diário, o grande poema coletivo, a diversão universal de nossa era.” (PONTUAL, 1999, p.13), e se usado de maneira consciente, gera muitos conhecimentos acerca do mundo.

Foi necessária a constatação de que o acervo lingüístico dos educandos da Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio, localizada no assentamento Vitória da Conquista do MST, na cidade de Fraiburgo - Santa Catarina, precisava ser desenvolvido de maneira a serem trabalhadas as potencialidades individuais de cada educando, respeitando sua individualidade, seu crescimento e as etapas próprias da sua faixa etária.

Vivemos numa época que são múltiplas as formas de comunicação e que sua difusão é facilitada por diversos meios de comunicação e sua extensão para a educação gera milhões de oportunidades para o homem de hoje.

Percebe-se também que atualmente a falta da abordagem dos acontecimentos cotidianos, distancia os educandos da realidade que aí está. Entretanto, na experiência ora relatada e analisada, a maior preocupação era descobrir e utilizar instrumentos que despertassem o gosto pela leitura e auxiliassem na melhora da escrita, e assim num processo interligado com a realidade. Uma forma de diminuir essas dificuldades foi trabalhar com o jornal em sala de aula, estimulando e desenvolvendo atividades que cativassem dia-a-dia esses alunos.

A relação entre os dois lados deve ser o elemento-chave para que se possa desenvolver o interesse por uma nova prática de aprendizagem. E, sobretudo sem desconsiderar o uso da leitura do jornal como um fio condutor nas aulas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Isso possibilitou o conhecimento de outro tipo de linguagem, diferente da literária e da que é utilizada nos livros didáticos, oportunizando aos educandos que criem e recriem a partir do que lêem, pois geralmente os discentes chegam às aulas sem motivação para a leitura, justificando a execução do projeto que estaremos relatando e analisando no presente texto.

1.3. ABORDAGEM GERAL E ESPECÍFICA DO PROBLEMA

Os alunos da escola de Ensino Fundamental 25 de Maio (localizada no Assentamento Vitória da Conquista do MST, na cidade de Fraiburgo, Santa Catarina) que fizeram parte dessa pesquisa encontram-se na faixa etária de 12 a 14 anos e possuíam um desenvolvimento bastante deficitário tanto na oralidade como na escrita. As causas para que tal situação ocorresse eram diversas, como por exemplo, o fato de que anteriormente através de outras abordagens docentes, a oralidade e a escrita eram trabalhadas somente com livro didático de maneira superficial sem objetivos pré-definidos, que apenas permitiam aquisições bastante limitadas, mas não possuíam qualquer caráter intencional de aprendizagem cultural e crítica.

Analisando-se os indicadores contextuais destes educandos, pode-se afirmar que tiveram nos anos escolares anteriores, uma vivência cultural pobre, o que prejudicou seu desempenho em diversas atividades desenvolvidas. Sendo assim, justificava-se a necessidade de trabalhos de natureza lúdica e recreativa simultaneamente com esse grupo de alunos, no sentido de auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades, diminuindo assim suas dificuldades na oralidade e na escrita.

A partir da constatação através de nossa prática docente, nas disciplinas de Português e Espanhol com educandos de 12 a 14 anos, da Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio, de que o acervo lingüístico dos mesmos necessitava ser ampliado, optou-se pela leitura de jornal como instrumento pedagógico.

Após 2 anos dessa experiência, o presente estudo representa um esforço de sistematização e análise desse processo, tendo como problema central: A leitura de jornal como instrumento pedagógico, contribui para ampliar o domínio da oralidade e da escrita em adolescentes de 12 a 14 anos em escola de assentamento do MST?

1.4. QUESTÕES ESPECÍFICAS DE PESQUISA

1. É possível a leitura de jornal contribuir para a melhoria lingüística de educandos de 12 a 14 anos de idade através de atividades desenvolvidas em sala de aula?
2. Através das atividades recreativas encontradas no jornal consegue-se ampliar o domínio da oralidade e da escrita de educandos de 12 a 14 anos de idade?
3. Que outros papéis sociais exerce a leitura de jornal no cotidiano de adolescentes de 12 a 14 anos em escola de assentamento do MST?

1.5. OBJETIVOS

1.5.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a leitura de jornal como suporte pedagógico para, a partir da ampliação da oralidade e da escrita, ampliar a visão de mundo do educando.

1.5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ampliar a oralidade e escrita dos educandos através da utilização do jornal como um dos materiais pedagógicos;
- Identificar se a leitura de jornal contribui para a ampliação no vocabulário dos educandos da Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio em Fraiburgo-SC;
- Identificar as mudanças que a leitura do jornal proporciona aos educandos, no sentido de tornarem-se leitores informados e críticos, participantes ativos do que acontece ao seu redor.

1.6. METODOLOGIA

A metodologia aplicada foi a utilização da pesquisa qualitativa, com a entrevista não estruturada como instrumento para a efetivação dos objetivos propostos.

É fato bastante conhecido que a mente humana é altamente seletiva. É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas

enxerguem diferentes coisas. O que cada pessoa seleciona para 'ver' depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 25).

E por saber-se desta seleção é que se acredita que a entrevista é a forma mais enriquecedora para uma abordagem mais específica do tema tratado, e que, "na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde." (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 33).

Porém, para se obter os resultados mais próximos ao esperado é que se deve primar por certa liberdade que o entrevistado terá, para discorrer sobre o assunto, e que não seja nada imposto a ele. Utilizaram-se como critérios para a construção dos roteiros das entrevistas os comentários dos educandos sobre a utilização do jornal em sala e o interesse em investigar se mencionavam em casa as notícias que liam, e se outros educadores visavam o jornal como fonte de aprendizado. Os roteiros utilizados nas entrevistas constam como apêndices A e B deste trabalho.

Os sujeitos escolhidos para a realização da entrevista foram pais e educadores da Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio para verificar se há efetivação dos objetivos propostos e constatar se a utilização do jornal, com cunho pedagógico, é estendida a outras disciplinas.

CAPÍTULO II

O JORNAL COMO PROPOSTA DE MATERIAL PEDAGÓGICO

2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ato da leitura significa apropriar-se de um conjunto de significantes e os seus múltiplos significados determinados por construções inter-individuais, que formam parte de sua própria identidade. O conhecimento e domínio da língua materna são fundamentais para a função básica comunicativa da vida cotidiana, além de que cumpre a função de construir a identidade social, cultural, política do sujeito. Enfim, aprender a comunicar-se de maneira eloqüente e audível é ter uma nova interpretação do mundo.

Este estudo parte do pressuposto que o ensino da língua portuguesa, através da utilização do jornal como material didático, ampliará não só o vocabulário como também despertará o interesse pela leitura da atualidade e melhorará o desempenho oral do educando, facilitando o acesso aos meios de aperfeiçoamento do fazer pedagógico. Disciplinas como Matemática, História, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física, já despertam para a possibilidade do uso do jornal, em busca de alternativas que facultem o aproveitamento das matérias jornalísticas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), estamos em um momento de democratização e já é possível constatar algumas mudanças no ensino.

A linguagem é considerada o principal sistema simbólico de todos os grupos humanos, uma vez que caracteriza e marca do homem. Cumpre assim papel essencial como constituidora de pensamento, ou seja, de toda vida mental. É por meio da linguagem que os indivíduos inter-atuam, ao mesmo tempo em que internalizam os papéis sociais e conhecimentos que possibilitam seu desenvolvimento psicológico. (BRASIL, 1999, p. 94).

Diante da concepção de língua aqui assumida, estabelecendo-se a linguagem como constituidora da própria consciência e organizadora do pensamento,

Infere-se que o sujeito se constitui nas e pelas relações sociais, a partir de situações significativas. Dessa forma, quanto mais o sujeito aluno interagir com outros grupos (outros alunos, professores, outras línguas e culturas), maiores serão as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. (BRASIL, 1999, p. 94).

Pode-se dizer que não se trata de redefinir os objetivos para o ensino e sim definir objetivos reais e válidos, vagos há muito tempo no contexto educacional. Na medida

em que se entende que é através da linguagem que o sujeito se apropria dos conhecimentos historicamente produzidos, e também é pela linguagem que o pensamento é organizado e se desenvolve, quanto mais o sujeito dominar sua língua, tanto maiores serão as oportunidades de apropriação dos conhecimentos de outras culturas, para melhor compreender a sua e interagir com o seu meio.

Isto implica dizer que a apropriação oral e escrita de forma correta possibilitará um melhor nível de seu conhecimento e da própria cultura, na medida em que esta é confrontada com a cultura do outro.

[...] agir sobre o objeto de ensino para capturar o seu sentido e o funcionamento, de modo a ser capaz de interagir com o outro ou com o dizer de outro, com a cultura do outro. Nessa perspectiva, ensinar uma língua é criar condições para que essa interação ocorra, nos diferentes níveis, possibilitando a todo modo o confronto dos conceitos já adquiridos com as novas situações lingüísticas e culturais e, assim, o desenvolvimento da estrutura cognitiva do educando. (CORACINI, 1989 *apud* SANTA CATARINA, 1998, p. 62).

Convém também lembrar que quando se trabalha com textos de gêneros variados como receitas, documentários, informes turísticos e regionais, lendas ou outros textos típicos, isso só vem a ampliar o acervo lingüístico do educando. Vygotsky (1989) salienta que o êxito no aprendizado de uma língua depende de certo grau de maturidade.

De acordo com Geraldi (1984):

O texto (oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações: construído materialmente com palavras (que portam significados), organizam estas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do Texto. (GERALDI, 1984, p. 125).

Poder ler é compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, o que contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas.

[...] porque de fato, acreditamos que a leitura nos possibilita um mundo aberto, potencialmente por fazer viver outras realidades, nos conduzindo ao que se chama de infância permanente, porque o mundo está sempre por fazer-se e o homem é o vir-a-ser constante de uma aprendizagem concretizada no processo de humanização. Realizar a leitura de mundo percorrendo as variadas formas de expressão é sempre poder segurar a mão que se estende para nos guiar em diversas direções, podendo viver a experiência do conhecimento através do afeto. (PONTUAL, 1999, p. 15).

Ao trabalhar com a leitura, acredita-se que se terá este mundo aberto, sobretudo por sua dimensão de contemporaneidade, do aqui e agora, enriquecido de novas práticas, descobrindo novos significados e não somente os únicos que induzem a grande maioria dos livros didáticos ou um trabalho elaborado nos mesmos moldes.

Não adianta dizer para a criança que ler é bom, quando essa experiência não foi proporcionada a ela de maneira prazerosa e despertando todos os seus sentidos. Ler não é bom somente porque nos torna mais cultos e nos traz conhecimento. Ler é bom porque é gostoso e amplia nossa capacidade de conhecer através do afeto, dos sentimentos bons e ruins, e com toda a carga de significância possível. (PONTUAL, 1999, p. 18).

Um vocabulário rebuscado é também de fundamental importância para a comunicação, fazendo leitura de texto jornalístico ou não.

Sabe-se que muitos professores utilizam o jornal em sala de aula, explorando-o enquanto recurso pedagógico. É verdade que o jornal pode ser um ótimo gancho para contextualizar o conhecimento. [...] Por ser um material diário, oferece a possibilidade de informação atualizada, por isso a utilização do jornal tem de ser viabilizada pelo professor de maneira muito responsável, pois vale lembrar que, mesmo tentando ser isento de algum critério de valor, o jornal representa de certa forma, o momento histórico-social e, por isso, ele não deve fechar-se em opiniões, mas possibilitar ao leitor a reflexão e o questionamento. (PONTUAL, 1999, p. 31).

É evidente que se deve conduzir o processo pedagógico inerente à leitura de jornal de forma coerente não interferindo na interpretação da realidade que o educando faz. Pontual (1999) diz que se o jornal for bem explorado pode tornar-se material rico para a contextualização do currículo.

[...] o bom educador deve estimular a diversidade, torcendo para que seus alunos tenham suas próprias idéias. E, mais do que isso tenham a coragem de defendê-las, devidamente fundamentadas, em qualquer situação. E, sobretudo, tenham a coragem e a segurança de se admitirem errados e mudarem sua opinião. (DIMENSTEIN, 1995, p. 07).

Por aceitar esta diversidade é que se busca a diversidade pedagógica que estimulará diariamente o educando para ampliar e melhorar sua oralidade e escrita valorizando-o cada vez mais. “A prática de trabalhar com o jornal na escola já vem sendo desenvolvida desde o século passado nos Estados Unidos e em vários países da Europa, gerando resultados muito positivos.” (PONTUAL, 1999, p. 38).

Então, se esta prática já há muito é desenvolvida por outros países, por que há poucas experiências relatadas sobre a leitura de jornais em sala de aula no Brasil?

Percebeu-se que o jornal pode ser um excelente elo entre a realidade empírica e o ensino formal, pois não apenas pode enriquecer a prática pedagógica, mas, principalmente, permite a contextualização do currículo escolar, inserindo o estudante na vida. Através da leitura do jornal, não somente nos informamos das coisas que acontecem no mundo, mas também vamos ampliando nossa capacidade de reflexão. (PONTUAL, 1999, p. 38).

Pode-se constatar que o jornal escrito, segundo Pontual (1999), é um grande aliado na retomada de alguns valores didáticos da nossa atualidade. “O jornal é, certamente, um veículo fundamental na escola por ser possibilitador de muitos caminhos, além de ser sedutor porque representa a vida no seu cotidiano, dizendo respeito à experiência real”. (PONTUAL, 1999, p. 42). Somente com um esforço dialético é possível entender que os seres humanos fazem sua história podendo viver conectados com a realidade ou não. Ilustrativa dessa concepção é a afirmação de que:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem: não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com as quais se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. (MARX, 1978 apud SANTA CATARINA, 1998, p. 15).

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998, p. 71) traz que “Quando a escola conseguir de fato que a produção lingüística faça pleno sentido para seus alunos, resultando disso materiais eficazes, ninguém mais terá motivos para sentir-se separado de sua própria língua materna.”

[...] a relação entre pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vai e vem do pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. (VYGOTSKY, 1995, p. 108).

Portanto, deve-se buscar sempre acompanhar este movimento, esta evolução da palavra, pois manter-se atualizado é manter o pensamento sempre em dia, e o que diz respeito à atualidade é, entre outros recursos que comportem a cultura contemporânea, contato educacional e informal com a leitura de jornal.

2.2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA

Como falar da importância da leitura e da escrita em uma era na qual a tecnologia impera? A questão principal não é o fato de que se prescindia da leitura e da escrita a partir do advento das novas tecnologias, mas o fato de que estar preparado para lidar com elas não implica o desenvolvimento da consciência crítica, pelo contrário. A educação para e através das novas tecnologias requer formar um sujeito que tenha uma grande capacidade de reflexão para fazer frente à massificação que a tecnologia pode gerar.

Podemos até pensar que a leitura virtual de forma resumida substitua a leitura concreta nos livros, e que desta maneira abstrai-se mais conhecimento. Talvez isso tenha um fundo de verdade, porém deve-se ter cuidado, pois se não soubermos filtrar as informações na internet corre-se o risco de sairmos prejudicados. A leitura virtual torna-se menos eficaz que a feita nos livros, e no que diz respeito à escrita. O uso da internet é considerado muito negativo devido há expressões e abreviações nela utilizadas. Entretanto, também há lingüistas que não vêem negatividade nesta nova linguagem cifrada criada por internautas, pois a mesma reflete um novo momento que não necessariamente representa uma perda, mas uma ampliação, desde que a linguagem convencional não caia no desuso, ou seja, desde que sejam proporcionadas outras oportunidades sociais que preservem a linguagem padrão de cada cultura. Outro fator que se deve considerar é que este recurso não é de privilégio de todos, e que grande parte da população é excluída e a ela é negado o acesso até mesmo aos livros.

Segundo Freire (2006, p. 9):

Em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traga sua colaboração.

Realmente, travar esta luta para a melhoria cultural da população é necessário, e é esta melhoria que as escolas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) sempre vêm buscando. O acesso à leitura e à escrita é estendido aos sujeitos que dele necessitam, pois se esperarem por iniciativas governamentais, a taxa de analfabetismo está sujeita a aumentar cada vez mais. Escolas de assentamentos, mais especificamente a Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio são escolas não só abertas para educandos e sim também à comunidade, que ali buscam ampliar seu nível de leitura e escrita através dos

recursos bibliográficos existentes. Freire (2006, p. 10), menciona que “É um absurdo ter chegado ao fim de um milênio ostentando os índices dos que e das que, mal alfabetizadas, estão igualmente proibidos de ler e de escrever”.

Talvez em nossa era pense-se que o importante seja só o saber ler e escrever mecanicamente, no sentido literal, e que entender e decodificar o que leu ou escreveu não é relevante. Porém, existem vários entendimentos do que é leitura, pois através dela crescemos intelectualmente e começa-se a diminuir os medos em relação ao mundo em que vivemos. Se possuímos uma boa leitura e entendimento do que lemos conseqüentemente aperfeiçoaremos nossa escrita, que vem a ser a concretização da oralidade. Freire (2006) relata que, na medida em que foi tornando-se íntimo do seu mundo, ele melhor percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, com isso seus temores iam diminuindo.

Diminuir os temores, abrir a mente para novas formas de leitura é reconhecer que não só aquele que lê as letras e consegue transcrever o que fala é um verdadeiro leitor. Freire (2006, p. 15) demonstra isto implicitamente quando afirma que, “Como ele, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Ele, porém não é só capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta, mas, também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta”.

São apenas dois termos que diferenciam Paulo Freire de alguém considerado analfabeto pelo sistema, porém ele não deixa de ter uma leitura do mundo em que vive e, talvez ele possua uma leitura diferenciada, mas possui uma leitura e uma escrita, este é um dos muitos disfarces que a leitura e a escrita possuem.

Manguel (1997, p. 19) afirma que

Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; [...] os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo ou admiração; o agricultor lendo o tempo no céu todos eles compartilham com leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos.

São inúmeras as formas de leitura e de escrita, mas jamais podemos descartar a importância que elas possuem em nossas vidas, de nada adianta a tecnologia avançar e até mesmo atropelar os métodos de leitura e escrita que há muito vêm acompanhando a humanidade, pois, sempre iremos necessitar de livros, jornais, revistas, lápis e caneta para aprimorarmos nossa leitura e nossa escrita.

Manguel (1997, p. 20), utiliza de palavras sábias para confirmar o parágrafo anterior.

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos e que lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar é nossa função essencial. [...] Talvez possamos viver sem escrever, mas nunca sem ler.

Portanto, devemos sim, valorizar muito e instigar nas escolas o gosto pela leitura e escrita, como Manguel (1997, p. 38) afirma “Os leitores de hoje estão ameaçados de extinção, mas ainda têm que aprender o que é realmente leitura e escrita”. Então vamos começar a proteger e recuperar estes leitores, começando pelos educadores, e por que não pelas escolas do campo?

CAPÍTULO III

O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA

3.1. ANÁLISE DE UM MÉTODO PEDAGÓGICO

Como procuramos apontar nos Capítulos anteriores, o uso do jornal escrito em sala de aula aponta um novo caminho do pensar pedagógico, e na experiência que ora relatamos foi perceptível por meio da leitura e da análise dos conteúdos tratados no jornal, que resultados consideravelmente satisfatórios vêm ocorrendo.

Ao realizar-se esta pesquisa como metodologia para coletar mais argumentos que realmente balizassem este trabalho, realizaram-se entrevistas com três educadoras e três mães de educandos da Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio.

Quanto à formação das educadoras, todas possuem nível Superior completo, sendo que a educadora A e a educadora C já possuem Pós-graduação em suas áreas de atuação. O grau de instrução das mães é bem variado, a mãe A possui Ensino Médio completo, a Mãe B curso superior em Pedagogia e a mãe C possui somente o Ensino Fundamental até a 4ª série.

Os depoimentos das entrevistadas só vieram a enriquecer ainda mais a execução deste trabalho. Para não perder o foco da pesquisa, construiu-se um roteiro de questões para ambos os grupos de entrevistadas. (Apêndice A e B) Pode-se dizer que foram amplamente satisfatórias suas respostas a respeito da utilização do jornal escrito em sala de aula, por verem nele (as entrevistadas), um excelente suporte pedagógico.

Este rico instrumento veicula a realidade social e, trabalhado dentro do contexto pedagógico torna-se mais eficaz que o uso do livro didático, nos seguintes aspectos, a saber: aborda assuntos da realidade, do cotidiano, a linguagem é mais acessível ao leitor; a diversidade de matérias faz com que o leitor busque uma que mais lhe interesse, e também se pode dizer que está bem mais acessível aos interessados em buscar leituras diversificadas. É claro que o livro didático continua sendo um elo importante no que se refere à sistematização do conhecimento científico da disciplina, mas cabe a nós ampliar este elo, introduzindo novos materiais que contribuam com os recursos já existentes.

É importante considerar, entretanto, que o jornal escrito não pode ser utilizado como único instrumento didático, como se os outros fossem descartados. Ele deve ser sempre conciliado aos outros instrumentos pedagógicos para que haja um retorno mais eficaz na ampliação da leitura e escrita. A introdução do jornal escrito nas aulas de Língua

Portuguesa e Língua Espanhola foi introduzido aos poucos; compartilhavam-se leituras de matérias que possuíam alguma ligação com a realidade dos educandos e logo após debatia-se sobre os assuntos abordados nas notícias respeitando a opinião de cada educando. Para aproveitar melhor as manifestações pedia-se para que eles fossem até o quadro-de-giz e escrevessem sua opinião a respeito do assunto lido e explicassem o porquê de sua resposta, sempre instigados pela educadora.

Percebeu-se que esse tipo de atividade contribuía muito na ampliação do vocabulário, na melhora da escrita e da oralidade. Estabeleceu-se uma aula na semana para atividades com o jornal escrito, quando eram feitas diversas atividades como: somente leituras com explanação aleatória por alguns educandos; distribuição de palavras significativas para interpretação oral passando depois para a escrita; cópias de determinadas notícias coordenadas pela educadora (memória, informes, notas, variedades), reescrevendo a notícia abordando acontecimentos de sua comunidade ou de sua escola. Algumas atividades como estas eram expostas no jornal mural designado pelos educandos para socializar tanto com os educandos da escola como com os educadores.

Dentro da Língua Espanhola traduções de frases, busca de palavras homônimas, e, a atividade que eles mais gostavam era a construção de histórias em quadrinhos que consistia em distribuir uma história em quadrinhos para cada educando e eles redesenhavam, ampliando a história e passando para o espanhol ou criando nova história. Essas atividades foram de maneira gradativa melhorando e ampliando a oralidade e escrita dos educandos de 12 a 14 anos da escola 25 de Maio. Quando por algum motivo alheio não se fazia a atividade com o jornal na semana, queriam saber se iria ser feita em outra aula.

Utilizar o jornal escrito como um suporte pedagógico tem sido de grande auxílio nestas duas disciplinas, como já foi mencionado anteriormente, em aulas bem planejadas, atividades diversificadas e a valorização das produções é de total importância para que haja um aprendizado oral e escrito significativo. Ater-se só em um material é passividade demais tornando as aulas monótonas e “chatas”. O jornal escrito não é o único suporte pedagógico que podemos utilizar, mas é um meio que, interligado com os outros, rendeu melhorias surpreendentes no aprendizado.

Nas aulas com a utilização do jornal escrito também se busca explorar junto com as notícias novos espaços na escola com a finalidade de melhorar ainda mais a leitura audível dos educandos e, para que eles possam fazer sua auto-avaliação; algumas destas leituras são filmadas, depois passadas em vídeo para que assistam e analisem suas dificuldades. O jornal escrito traz muitas diversidades como já foi citado. Um caderno

interessante no Diário Catarinense é o de Variedades que auxilia em atividades como o teatro, jograis, recitais, pois nele geralmente contém fábulas, contos, poesias, poemas até mesmo em Espanhol e isto tudo é aproveitado para a elaboração de atividades lúdicas. A apresentação de jornal em sala também é muito enriquecedora, os educandos divididos em equipes selecionam várias notícias utilizando os três jornais, “Brasil de Fato”, “Sem Terra” e “Diário Catarinense”, para depois apresentarem aos demais colegas da classe ou de outras classes da escola.

Contar com esse recurso, constatando que colegas utilizaram em algum momento de sua vida, escolar ou profissional é de grande valia. Poder constatar o que realmente as crianças pensam a respeito dos materiais pedagógicos utilizados nas aulas de Português e Espanhol, tudo isso relatado por suas mães, faz com que se avaliem os métodos, reformulando-os ao detectar falha no processo do ensino/aprendizagem dos educandos.

Por primar em detectar esses avanços é que um roteiro de entrevistas realizadas em 13/11/2007 foi elaborado para que o foco desta pesquisa não fosse desviado.

Na primeira questão às educadoras foi perguntado sobre: qual sua avaliação a respeito da utilização do jornal nas escolas?

A educadora A relata:

[...] o jornal é uma metodologia diferente que o professor pode usar na sala de aula, pode aproveitar as notícias, os comentários, os gráficos, as entrevistas de outras pessoas, as histórias em quadrinhos e é um material que o aluno se interessa. Porque ele traz algo ou notícias do interesse do aluno e, que são atualizadas.

Segundo o relato da educadora B:

O jornal utilizado em sala de aula vem ampliar o leque de materiais pedagógicos, mas é claro que deve ser sempre utilizado com a supervisão do professor, pois é ele que vai “peneirar” as notícias que realmente possuem um grau de verdade, daquelas que são sensacionalistas e só estão lá para vender o jornal. Isso é um ponto que pode ser usado a favor para despertar o lado crítico do aluno. Acho muito importante o uso do jornal na escola.

Segundo a educadora C, “acredito que qualquer material que sirva para a leitura é válido e deve e tem que ser usado”.

Esses depoimentos só vieram a confirmar que o jornal pode ser introduzido na escola sem receio que seja um método falho dentro do aperfeiçoamento da leitura e da escrita.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objeto de encuesta “La lectura del periódico como instrumento para ampliar el dominio del habla y de la escrita en una escuela de asentamiento del MST – análisis de una experiencia pedagógica. Por que análisis de una experiencia pedagógica, por tratarse de una práctica que nació aún en la graduación de la autora en 2003. En la experiencia por ahora relatada fuimos introduciendo la lectura del periódico escrito despacito en las clases de Lengua Portuguesa y de Lengua Española con el objetivo de ampliar el habla y la escrita de los educandos de 12 a 14 años de edad, de la “Escola de Ensino Fundamental 25 de Maio. Localizada en un asentamiento del MST – Movimiento de los trabajadores rurales Sin Tierra, en Fraiburgo – Santa Catarina. Por ser una escuela del campo sus problemas son aún mayores que los de una escuela de la zona urbana, por existir cierto descaso por parte de los órganos responsables, en relación a la deficiencia de la lectura y de la escrita en esas escuelas. Muchos educandos llegan al secundario con grandes problemas orales y en la escrita tornándose más difícil para cualquier auxilio. Se utilizó del periódico escrito en clase para ampliar y mejorar estas dificultades, transformándolos en sujetos con una visión más amplia y crítica. La coleta de datos abordó la sistematización del relato de la experiencia bien como la entrevista con los padres y los educadores que contribuyeron adentro de la escuela para la validación de esta encuesta. A través del análisis de los datos colectados se constató que ampliar el habla y la escrita debería ser parte indispensable en el cotidiano escolar de los educandos y educandas de esta escuela del campo. Por lo tanto esta encuesta es una manera de analizar la importancia de utilizarse nuevas prácticas pedagógicas en clase, para estimular el aprendizaje. Basado por los escritos de Pontual (1999), Freire (2006), Vygotsky (1989) y otros que también ayudaran en el basamento teórico, se fundamentó la importancia de la utilización del periódico en clase. Mostrando que este es un óptimo recurso interdisciplinar, actual y práctico. El estudio con este nuevo instrumento pedagógico impreso, proporcionó a los educandos un contacto directo con la realidad y acontecimientos relacionados con el medio que ellos viven, informándolos, desarrollando la capacidad de raciocinio, reflexión y argumentación, transformándolos en ciudadanos más autónomos y críticos.

Palabras claves: Periódico; Lectura; Habla; Escrita; Adolescentes.

A segunda questão foi: por abordar os acontecimentos diários no mundo, o jornal pode contribuir na formação de sujeitos mais autônomos e críticos?

Educadora A:

Com certeza, trabalhando junto com os alunos, aproveitar o jornal com as notícias e problematizar isso, trabalhar as questões atuais, aprofundar o conteúdo, produzir textos, reprodução estatística, também dá para abordar e é de grande interesse. Acredito que está avançando sim, com o aluno e em seus conhecimentos e, no acompanhamento do que acontece no mundo.

A educadora B menciona que “sem a menor dúvida, ao deparar-se com notícias de nossa realidade como não ampliar a criticidade dentro de cada um de nós, e passarmos a agir e pensar por nós mesmos? Contribui e acredito que muito”.

Educadora C;

Pode, porque eu acredito que ele tem a vantagem de tratar de diferentes assuntos, não tem como o aluno ler, e não discordar ou ligar a um fato semelhante que ocorreu em sua localidade. A notícia do jornal auxiliará na construção da visão crítica a respeito dos acontecimentos, isso já é de grande valia dentro da educação, despertar esse lado do aluno.

Na terceira questão perguntou-se às educadoras se o jornal pode ser denominado material pedagógico? Substituindo quase que por totalidade o livro didático?

Educadora A:

Ele é um material alternativo, que pode ser utilizado, mas como uma metodologia diferenciada, mas não como o principal material para se trabalhar em sala de aula, o livro didático também é um suporte que o professor tem para trabalhar em sala de aula, mas não como único. O jornal, o livro didático, os materiais alternativos que o professor leva para a sala são alternativos, não podem ser únicos ou suficientes. Devem ser necessários para que o aluno possa aprender. Todos devem contribuir alcançando uma totalidade maior.

Educadora B:

Talvez substituir o livro didático não, ele pode ser um excelente material pedagógico que poderá contribuir de maneira muito positiva com o livro didático e outros materiais que levamos para sala de aula. Acredito que o livro didático auxilia a mantermos certo padrão nos conteúdos considerados indispensáveis no processo do ensino e o jornal possibilita produções mais livres, espontâneas que são importantes também.

Educadora C, “eu não vou falar que sim porque isso seria uma coisa muito ampla, não, não diria sim totalmente, mas é uma ferramenta auxiliar”.

Muitas vezes peca-se ao criticar o livro didático ou criticar outros métodos pedagógicos por não se perceber que um não é melhor que outro e sim que a soma dos vários instrumentos pedagógicos utilizados ampliará a qualidade do ensino, principalmente em uma escola do campo.

Na quarta questão perguntou-se sobre: em sua vida estudantil (fundamental, médio, e acadêmica), e em casa obteve algum contato com jornal, como proposta de atividade pedagógica advinda do educador e quais os ganhos para sua aprendizagem?

E, complementando esta questão, na quinta perguntou-se: hoje qual e onde é seu contato com o jornal?

Educadora A:

Teve dentro da disciplina de matemática, mas que eu lembre, na disciplina de língua portuguesa, ciências e outras não, não recordo de ter existido nenhuma oportunidade em trabalhar com o jornal. Lembro que em matemática sim, foi trabalhado estatística, mas em língua portuguesa e outras disciplinas não. Auxiliou muito a interpretação de gráficos, a leitura disso, a representação. Teve contribuição. Hoje tenho contato com o jornal nas escolas onde trabalho e gosto de ler algumas notícias da região, na região onde eu moro.

Educadora B relata:

Em minha vida estudantil não recordo (fundamental e médio) não, mas na universitária utilizávamos nas aulas de português. Auxiliou-me a aderir mais a leitura de jornal, hoje leio alguma coisa nos intervalos das aulas na escola que trabalho e possuo assinatura de finais de semana, sinto falta se acordo e o jornal não chegou ainda.

Educadora C:

Sim utilizei jornal, revistas e artigos durante a minha graduação e na elaboração do TCC que foi trabalho de conclusão do curso. Precisei desses meios de comunicação impressa pra ver qual era o entendimento da época sobre o assunto que eu estava abordando. Na escola pego o jornal. Pra mim o jornal já tem uma função, não que eu leia todo dia, mas como ele está ao meu alcance eu sempre dou uma folhada no geral, dou uma olhada em tudo. Seu aspecto visual às vezes chama mais a atenção do que um livro.

A sexta questão abordou um pouco a prática metodológica das educadoras e se o contato com o jornal é estendido aos seus educandos. Em caso afirmativo há aspectos positivos e/ou negativos a ressaltar em termos pedagógicos?

Educadora A: “Algumas notícias consigo levar pra sala de aula dentro da disciplina de matemática e outras não tanto porque tem notícias que não tem como abordar, é difícil contextualizar todas”.

Educadora B:

Como trabalho com literatura consigo aproveitar muitas notícias do jornal, mas posso dizer que tento conciliar um pouco, trabalho com ensino médio e necessito abordar conteúdos de “praxe” destas séries. Eles reclamam bastante quando levo atividades com jornal. Tento ser persistente.

Educadora C:

Normalmente, pra história é muito comum eles publicarem encartes especiais ou notas de comemoração de datas históricas, então já utilizei sim, reportagens sobre alguns assuntos, mas tem que haver o intermédio do professor, porque muitas vezes a mídia distorce, ou dá uma versão, ou uma visão...bem a história é uma faca de dois gumes. [...] Então tem que ter o intermédio do professor pra fazer a real leitura.

Saber que mais educadores utilizam o jornal como instrumento pedagógico é constatar que não estamos divagando no campo pedagógico. Conseguir visualizar a importância de estar em contato direto com a realidade que nos cerca, e levar esta realidade até nossos educandos com uma intencionalidade, “garimpando” assuntos de seu cotidiano é uma forma de valorização do sujeito, rumo a um ensino/aprendizagem com diversidade e qualidade.

Muitas destas falas reforçam tudo o que já vem sendo mencionado no decorrer deste capítulo e ter conhecimento da opinião das mães entrevistadas só valorizou ainda mais esta pesquisa.

Um roteiro de questionário também foi elaborado às mães. A primeira questão já se encontra respondida no início deste capítulo que é sobre o grau de escolaridade de cada entrevistada. Partindo para a segunda questão perguntou-se: o senhor (a) acha que ter uma boa oralidade (fala) e escrever corretamente é importante nos dias de hoje? Por quê?

Mãe A: “Acho que é fundamental, dentro do processo de como as coisas estão avançando, quanto mais a criança ter acesso e contato com a leitura e a escrita, ela terá uma boa oralidade, eu acho muito importante tanto pra ela como para se inserir no mercado de trabalho”.

Mãe B:

É essencial, porque quanto mais a tecnologia vai evoluindo, assim também as pessoas têm que evoluir, ir se aprimorando. A escrita sempre foi

necessária e essencial mesmo que tenha todo esse aparato tecnológico, mas escrever bem é fundamental e a oralidade também, ainda mais pra quem estuda, hoje tem muitos trabalhos que são feitos oralmente.

Mãe C: “Sempre aconselho meus filhos a se dedicarem nos estudos, pois quero dar a eles a oportunidade que eu não tive. Ler e escrever bem é muito importante, assim não teremos vergonha de falar ou de escrever errado por medo que riam da gente. É importante demais ter boa leitura e escrever bonito.”

Na terceira questão as mães foram questionadas se: seu filho (a) conta que recursos além do livro didático o educador utiliza nas aulas de Português e Espanhol? A família possui momentos em que seu filho (a) pode comentar esses assuntos?

Mãe A:

Utiliza revistas, jornais, pesquisa em dicionário e em outros materiais existentes na escola. Ela é muito dedicada a essa questão da leitura, ela gosta muito da parte que usa recortes, colagens, interpretação que utiliza esses recursos. De minha parte temos à noite. Mas já do meu companheiro não. À noite é a única hora que estou em casa, é esse horário que a gente tem para trabalhar e pra ver no que ela necessita de ajuda.

Mãe B: “Ela comenta de revistas, jornais, livros, mensagens e tudo o que acontece nas aulas. Bem, horário pré-determinado não, é no momento que ela chega, principalmente à noite [...] para fazer as tarefas geralmente é à noite”.

Mãe C: “Como ela estuda de manhã e à tarde temos que ir pra roça, fica para depois da janta, mesmo que eu não entenda muito das atividades que ela traz, tento ajudar incentivando e olhando se está bem caprichado”.

Embora o grau de instrução das mães seja diferenciado, vemos que tentam acompanhar e incentivar na execução das atividades encaminhadas a casa, esta atitude auxilia muito na aquisição da aprendizagem.

Na quarta questão perguntou-se: o senhor (a) utiliza o jornal em sua casa? Para quê?

Mãe A: “Utilizo sim, para leitura e também faço bastante trabalho de reaproveitamento do jornal. Aquele que não é mais utilizado para ler e para pesquisa. Se tiver bastante na escola as crianças levam para casa para fazerem cestas de jornal, flores (artesanato)”.

Mãe B: “Eu tenho a assinatura que é do jornal que vem para a catequista, o jornal a “Fonte”, e também tem o que vem na escola onde trabalho “A Coluna”, e fazemos a

leitura em casa, cada um escolhe o que gosta mais, lemos depois socializamos um para o outro”.

Mãe C: “Gosto de ler, quando ela traz jornal para casa peço para que leia pra mim e depois leio também. Isso de trazer jornal para casa está ajudando até eu melhorar minha leitura”.

Na quinta pergunta questiona-se sobre: se o jornal pode ser um material para melhoria da oralidade e da escrita? Por quê?

Mãe A: “Acho que é um meio, um recurso, bem nem tudo que está no jornal, às vezes o que ele passa não é bem o correto. As informações que ele detém, o educador tem que estar bem informado e ajudar a questionar as notícias”.

Mãe B: “Ele é um dos recursos que pode ser utilizado, as pessoas têm mais acesso a ele. É uma fonte de informações, de divertimento, como qualquer livro e, o jornal é mais um recurso pedagógico”.

Mãe C: “Que ele ajuda a melhorar a fala e a escrita, isso sim. Se lermos e escrevermos sempre; é claro que isso vai melhorar nossa fala e escrita. Como dizia minha mãe só se aprende a andar andando, falar falando e plantar plantando. Acredito que nos estudos também seja assim”.

Verifica-se que as entrevistadas possuem visão semelhante a da pesquisadora em relação à ampliação da oralidade e da escrita com o auxílio do jornal, por ser um material que é de fácil acesso aos educandos e estendido este recurso às famílias, é muito bom saber que ele vai além do educando, abrange algumas vezes outros membros da família.

O costume da leitura de jornais em sala de aula, como já foi mencionado anteriormente começou timidamente, os educandos tinham receio em ler de maneira audível, por deparar-se com palavras totalmente alheias a seu universo lingüístico. Porém, com o passar do tempo e instigados pela educadora, passaram a desenvolver a habilidade de analisar o contexto e compreenderem o significado das palavras “desconhecidas” nas reportagens.

Nesta atividade utilizou-se de mais um recurso pedagógico importantíssimo na aquisição da leitura e escrita correta, o dicionário que é mais um elo desta corrente de ampliação da oralidade e da escrita. O jornal escrito como ferramenta pedagógica trouxe uma visão aberta e atualizada, possuindo abrangência interdisciplinar.

Os educandos buscavam vorazmente assuntos de seus interesses compartilhando com colegas e com a educadora que aproveitava as manifestações e indiretamente, mas sempre intencionalmente, para ampliar e melhorar a oralidade dos mesmos

passava para esquemas de escrita como resumir, produzir, construir uma crítica de um ponto em discordância.



Figura 1 – Grupo de educandos lendo o Jornal Brasil de Fato

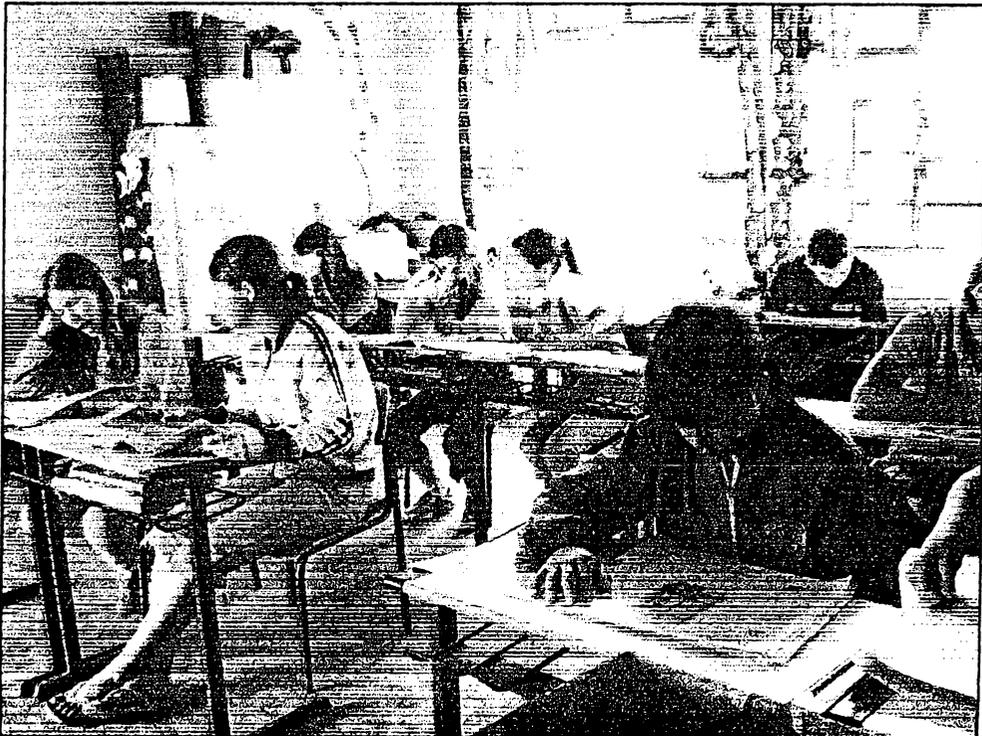


Figura 2 – Leitura de notícias

Ampliar a metodologia pedagógica, principalmente se tratando de uma escola em um assentamento do MST, é um desafio, pois em primeiro lugar devemos ter consciência dos sujeitos envolvidos neste processo e o que queremos ampliar ou despertar nestes sujeitos, respeitando sempre sua realidade e buscando sempre abordar notícias que representem o meio onde vivem, isto é, jornais que tragam notícias interligadas com sua condição de camponeses.



Figura 3 – Educanda explanando notícia escolhida

O jornal “Brasil de Fato” e o jornal “Sem Terra” contribuem de forma muito rica com estas questões de valorização do povo camponês, por serem jornais destinados aos movimentos sociais e trazem a realidade desse povo com total veracidade sem manipular ou mascarar os acontecimentos, aproveitando esse ponto a favor, a partir de aulas bem planejadas utilizando as notícias neles contidas.

Muito se pôde avançar dentro da proposta de aprendizagem da língua materna e da língua estrangeira, pois o jornal “Brasil de Fato” traz notícias de países de língua castelhana, o que é mais enriquecedor é que o castelhano vem literal em algumas reportagens. Tal fato auxilia de forma surpreendente na leitura e na escrita, também auxilia na ampliação de uma visão de mundo mais crítica e autônoma.



Figura 4 – Socializando leituras em ambiente distinto da sala de aula



Figura 5 – Educandos familiarizando-se com o jornal

Outro jornal sempre presente nas aulas de Português e Espanhol (por um incentivo do Estado de Santa Catarina que possui esta parceria com as escolas estaduais) é o

jornal “Diário Catarinense”. As notícias por ele abordadas servem para fazermos um parâmetro entre o foco principal deste jornal, devido ao fato do mesmo não ser diretamente ligado, ou melhor, direcionado especificamente aos povos do campo, mas auxilia muito na hora das análises de como um veículo destinado a vários públicos trata a educação do campo e suas formas de abordagem ao tratar dessa educação, sendo possível analisar se ao menos tem conhecimento de sua existência.

Trabalhar com o jornal em sala de aula desperta as mais variadas manifestações, cada notícia lida e partilhada faz com que constatemos que é possível existir um coletivo.

Contribuir em uma escola do campo vem a ser muito mais que ministrar aulas, é adequar-se e interagir, aprendendo dia-a-dia a respeitar sua proposta pedagógica.

De acordo com Fernandes, Cerioli e Caldart (1998 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 21): “Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora de lugar no projeto da modernidade”.

Talvez o capitalismo possua a tendência de disseminar este conceito a respeito dos povos e das escolas do campo, que são atrasados, que não acompanham a modernidade, mas acredito que fazem isto por esses povos terem contato com uma pedagogia libertadora, que eles se unindo serão uma fortaleza indestrutível, pois nestas escolas buscam primar pelo ser e não pelo ter.

Portanto, queremos mostrar teorizando que possuir uma boa oralidade e uma escrita correta, com certeza não é só privilégio da burguesia ou desenvolvida em escolas da zona urbana, sejam elas privadas ou públicas, que ainda continuam ditatoriais, podando a criatividade e expressividade dos educandos e seguindo métodos tradicionais de ensino.

Nossas escolas do campo, e mais especificamente a Escola 25 de Maio, incentivam e contam com novos métodos pedagógicos. Com o uso do jornal está sendo possível sim, ampliar e melhorar a escrita e a oralidade dos educandos que ali participam de uma maneira bem mais prazerosa, do que a obrigá-los à leitura.

Fernandes, Cerioli e Caldart (1998 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005), mencionam que a escola do campo é tratada como resíduo do sistema educacional brasileiro, e possui muitos problemas, falta de infra-estrutura, falta de apoio a iniciativas de renovação pedagógica, currículo alheio à realidade do campo em muitos lugares atendida por professores/professoras com visão de mundo urbana. Professores estes que não tentam inserir-se, ou melhor, fazer parte da escola, ministram aulas nas escolas do campo porque não

conseguiram aulas em outro lugar, e é aí que começam a maioria dos problemas de falta de inserção e de respeito com a escola do campo e seus educandos. Eles complementam ainda que “Existe também a concepção de que a escola urbana é melhor do que a rural, colocando mais uma vez o determinismo geográfico como fator regulador da qualidade da educação, sendo um critério equivocado da política de investimento”. (FERNANDES, CERIOLI e CALDART, 1998 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 39).

Disseminar esta concepção é um grande desrespeito às escolas do campo, mas, é obvio que isto também tem uma intencionalidade, a dos governantes de não investir nestas escolas obrigando-as a “lacrarem” suas portas, buscando as escolas urbanas, onde nossos educandos do campo serão duplamente discriminados.

Primando por derrubar estas várias concepções que remetem às nossas escolas camponesas é que nas aulas de Português e Espanhol procuramos renovar a prática pedagógica, buscando-se introduzir novos métodos de atividades com o jornal escrito ouvindo sempre a opinião dos mais interessados neste processo, os educandos, que possuem total liberdade para se manifestarem sem medo de qualquer tipo de repressão.

Sabidamente Fernandes, Cerioli e Caldart (1998 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 56) afirmam que “nossas opções pedagógicas devem ser feitas a partir de uma reflexão profunda em torno da seguinte questão: quais são os principais aprendizados a ser construídos pelas nossas crianças, pelos nossos jovens e pelos nossos adultos, e que devem ser oportunizados pela escola?”

É uma questão bastante complexa, mas se partimos de princípios humanísticos que as escolas do campo seguem através dos movimentos sociais, cabe a nós educadores, sejamos moradores da cidade ou do campo, buscar esses aprendizados partindo do sujeito para a prática.

Contar com a opinião dos pais sobre o método pedagógico que utilizamos é muito importante para aprimorar a construção dos conhecimentos repassados aos seus filhos, eles fazem parte do coletivo da escola e estão ali muito antes de qualquer educador/educadora, participaram da luta pela conquista da escola do campo, no campo e não considerar seu ponto de vista, ou não tentar saber o que pensam sobre a maneira que você ministra suas aulas é não viver a educação do campo, é pensar que porque possui um título universitário isso transforma o (a) educador (a) em um ser superior, e, ignorar a opinião de quem lutou e luta para manter a Escola do Campo passa ser considerado normal. Porém, poder saber através dos pais os comentários de seus filhos sobre as aulas foi a forma mais fidedigna de validar, ou constatar a eficácia de seu método. É fundamental saber qual sua opinião sobre o uso do jornal, se

auxiliam nas atividades encaminhadas para casa com a utilização do jornal e para que eles utilizam-no quando é possibilitada a não devolução à escola.

É muito bom saber que podemos cantar com este tipo de visão dos pais, pois é com a ajuda deles que conseguimos evoluir no processo do ensino/aprendizagem. As manifestações coletadas nas entrevistas, durante esta pesquisa, demonstraram claramente o que os pais almejam para seus filhos e a visão do saber ler e falar precariamente está ficando no passado, nossas crianças merecem um novo olhar, o olhar de igualdade sem distinção de campo ou cidade e que os educadores e educadoras que se propuserem em trabalhar nestas escolas o façam com “ganas”.

Fernandes, Cerioli e Caldart (1998 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 59) expõem:

Na situação atual muitos dos professores/das professoras do meio rural costumam fazer parte de um círculo vicioso e perverso: são vítimas de um sistema educacional que desvaloriza o seu trabalho, que coloca o meio rural como uma penalização e não uma escolha, que não viabiliza sua qualificação profissional, que rebaixa sua auto-estima e sua confiança no futuro; como vítimas, à medida que realizam um trabalho desinteressado, desqualificado e sem ânimo. É urgente romper com esta cadeia, estabelecendo novos vínculos, novas condições e nova identidade para educadores/educadoras do campo.

Muitos são estes casos de punição, vínculo temporário por não conseguir outro lugar onde trabalhar, resultando no caos em nossas escolas do campo. A falta de identidade com o meio e um trabalho mal realizado acaba despertando a hostilidade dos membros da comunidade (pais) em relação aos novos educadores. Mas isso pode ser mudado com a construção de vínculo e identidade por parte desses educadores em relação ao meio.

Arroyo (1999 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 70) afirma que:

Como educadores, temos que ter a sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural, e perguntar-nos que novos sujeitos estão se constituindo, formando, que crianças, jovens, adultos, que mulheres, que professoras e professores, que lideranças, que relações sociais de trabalho, de propriedade, que valores estão sendo aprendidos nesse movimento e dinâmica social do campo. O foco de nosso olhar não pode ser somente a escola, o programa, o currículo, a metodologia, a titulação dos professores. Como educadores temos de olhar e entender como nesse movimento social vêm se formando, educando um novo homem, uma nova mulher, criança, jovem ou adulto.

Tudo isso só demonstra o quão nós educadores somos importantes nessa construção do ser, seja ele do campo ou da cidade, mas, para auxiliarmos nesta construção,

primeiro devemos nos identificar e também possuir essa sensibilidade para olhar e perguntar que tipo de educadores nós somos, que tipo de escola queremos construir e que imagem esta escola deve ter. Se tivermos a grandeza de responder a estes questionamentos derrubaremos a imagem que alguns órgãos que ditam normas nos passam.

Arroyo (1999 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 70)

esclarece que:

A imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com uma enxada não há necessidade de muitas letras. [...] Em nossa história domina a imagem de que a escola do campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler.

Como aceitar que isso aconteça em um país em que a maioria de seus habitantes possui ligação com o campo, seja direta ou indiretamente através de um parente ou de seus pais que de lá saíram ou lá ainda vivem? Isso é certamente apagado com facilidade de suas mentes e criam normas que só prejudicam o campo em todos os sentidos. Isto deve ser mudado, com novas práticas, novas visões sem fragmentações, unificando para efetivar as melhorias no que se refere à educação. “O suposto é que as propostas, os conteúdos, a valorização deva ser igual para todos, e deve ter a mesma finalidade: habilitar todas as crianças e jovens do campo ou da cidade para as experiências modernas da produção e do mercado”. (ARROYO, 1999 *apud* ARROYO; CALDART e MOLINA, 2005, p. 80).

Quando conseguirmos esta unificação, adequando currículo, praticando novos métodos pedagógicos, começaremos a dar os primeiros passos para mudar esta realidade que assola principalmente o campo. A introdução do jornal escrito como novo instrumento pedagógico aponta para uma nova ressignificação na prática pedagógica. Hoje, embora ainda pouco, já estão publicando na internet alguns artigos mencionando a utilização do jornal na escola.

Hamze (2007, p. 01) sobre o jornal menciona que:

O costume da leitura de jornais em sala de aula enriquece a capacidade de entendimento dos alunos, principalmente ao acréscimo e ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive.

Esta nos parece uma importante contribuição para o meio pedagógico, principalmente ao constatar que mais educadores buscam melhorar sua prática pedagógica, e

encontraram também no jornal escrito um excelente veículo de acesso a informações, interligando as notícias com o meio em que contribui pedagogicamente. Este veículo possibilita também uma análise mais ampla sobre o ensino tradicional que há muito faz parte de nossas escolas e pouco ainda avançou, formando alunos incapazes de se expressarem com objetividade. Segundo Faria (2004, p. 11) “[...] é importante a adoção do texto jornalístico como padrão da língua escrita escolar, em substituição ao texto literário”. Isto é, rever, ressignificar e formar vínculo com a escola e com a prática pedagógica, auxiliando na formação de sujeitos que vão além do “be-a-bá” das letras.

Caldart (2000 *apud* ARROYO; CALDART; MOLINA, 2005, p. 106) explicita bem isso nos seus escritos sobre a Educação do Campo:

Queremos que os educandos possam ser mais gente e não apenas sabedores de conteúdos ou meros dominadores de competências e habilidades técnicas. Eles precisam aprender a falar, a ler, a calcular, confrontar, dialogar, debater, duvidar, sentir, analisar, relacionar, celebrar, saber articular o pensamento próprio, o sentimento próprio. [...] Por isso é vital em nossa escola que as educadoras cultivem em si e ajudem a cultivar nos educandos a sensibilidade humana, os valores humanos.

Portanto, muito ainda temos que buscar e lutar para construir uma escola do campo digna de seu povo. Nós educadores devemos romper barreiras, transpor cercas, reciclar e rever nossas práticas metodológicas mostrando que para viver no campo saber ler e escrever corretamente é tão importante quanto o alimento que cultivam.

E para isso, segundo Caldart (2000 *apud* ARROYO, CALDART; MOLINA, 2005, p. 120) devemos:

Olhar a escola como um lugar de formação humana, significa dar-se conta de que todos os detalhes que compõem o seu dia-a-dia estão vinculados a um projeto de ser humano, estão ajudando a humanizar ou a desumanizar as pessoas. Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeitos, muito mais do que apenas professores de conteúdos de alguma disciplina, compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que tipo de ser humano estão ajudando a produzir e a cultivar.

Desfrutar dessa concepção nos fará refletir a cada passo dado, a cada conteúdo trabalhado e por fim a cada método pedagógico utilizado rumo a uma Educação do Campo muito mais humana e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que busquemos um método eficaz para amenizar os distúrbios de aprendizagem, constatamos que isso é uma batalha incessante, a cada passo dado, a cada vitória conquistada é como um incentivo para superarmos mais e mais os obstáculos que surgirão. Não existe método infalível, existem métodos que auxiliam na busca para a melhoria do ensino/aprendizagem nas escolas, sejam elas do campo ou da cidade. Assim como o conhecimento os métodos pedagógicos também estão em constante movimento, sendo construídos e reconstruídos dia-a-dia, sempre analisando os sujeitos envolvidos no processo.

O uso do jornal escrito como proposta pedagógica muito vem crescendo, mas, muito ainda crescerá, pois através dele colheremos excelentes frutos para a melhoria da leitura e da escrita de nossos educandos do campo ou da cidade.

Este meio pedagógico, o jornal escrito, é potencialmente capaz de contribuir para o desenvolvimento da oralidade e da escrita de educandos, desde que acompanhado pelo necessário exercício da criticidade que permite analisá-lo como uma produção que emerge numa sociedade onde a luta de classes se apropria dos processos de produção e socialização de conhecimento, onde se situa o jornal e todas as demais mídias. O que não podemos permitir como educadores é que o determinismo pedagógico, caracterizado pela formulação dos currículos escolares nos centros de poder do sistema educacional, nos diga como e o que devemos trabalhar em nossas escolas do campo impedindo a construção contextualizada de um projeto coletivo de sociedade.

Novas literaturas, novos métodos, novos governos, novas escolas surgirão, mas, cabe a nós fazermos que tudo isso surja com um olhar mais abrangente e menos hostil direcionado aos nossos povos e movimentos sociais do campo, pois são eles e serão sempre eles que lutarão por igualdade e direitos. Direitos que, como educadores que contribuimos em escolas do campo, devemos ser os primeiros a valorizar e respeitar.

Pesquisar sobre a leitura do jornal como instrumento para ampliar o domínio da oralidade e escrita em uma escola de assentamento, possibilitou uma análise profunda da importância de se introduzir novos métodos pedagógicos, porém sempre atentando para que o uso desses métodos tenha uma intencionalidade para atingir de maneira positiva o “problema” detectado.

Constatar através das entrevistas que a metodologia que se está aplicando não é incoerente foi muito satisfatório, ver que de maneira significativa conseguiu-se também

envolver a família, saber que seus colegas de trabalho já mantiveram contato com este mesmo método pedagógico é descobrir que você está traçando um rumo certo e que muito pode e se deve melhorar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Hermengarda A.M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (org.) **Por uma Educação do Campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, MEC/SEF, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Programa leitura de jornal 1ª a 4ª série**. In Folha Educação, 1995.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 13.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 48. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HAMZE, Amélia. **O uso do jornal na sala de aula**. Educadora, Profª UNIFEB/ CETEC e FISO – Barretos. Disponível em <<http://www.pedagogia.brasilecola.com/trabalho-docente/jornal-sala-aula.htm>> Acesso em 13.nov.2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PONTUAL, Joana Cavalcanti. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Pensamento e Linguagem** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PESQUISA QUALITATIVA: ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM EDUCADORES

APÊNDICE B – PESQUISA QUALITATIVA: ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM PAIS

APÊNDICE C – CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVAM QUAISQUER PESSOAS MAIORES DE 16 ANOS

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE A - PESQUISA QUALITATIVA: ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM EDUCADORES

- 1. Qual sua avaliação a respeito da utilização do jornal nas escolas?**
- 2. Por abordar os acontecimentos diários no mundo, o jornal pode contribuir na formação de sujeitos mais autônomos e críticos?**
- 3. O jornal pode ser denominado material pedagógico, substituindo quase que por totalidade o livro didático?**
- 4. Em sua vida estudantil (fundamental e médio), acadêmica e em casa obteve algum contato com jornal, como proposta de atividade pedagógica advinda do educador e quais os ganhos para sua aprendizagem?**
- 5. Hoje, qual e onde é seu contato com o jornal?**
- 6. Esse contato é estendido aos seus educandos? Em caso afirmativo, há aspectos positivos e/ou negativos a ressaltar em termos pedagógicos?**

APÊNDICE B - PESQUISA QUALITATIVA: ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM PAIS

1. Até que série estudou?
2. O senhor (a) acha que ter uma boa oralidade (fala) e escrever corretamente é importante nos dias de hoje? Por quê?
3. Seu filho (a) conta que recursos além do livro didático o educador utiliza nas aulas de português e espanhol? A família possui momentos em que seu filho pode comentar esses assuntos?
4. O senhor (a) utiliza o jornal em sua casa. Para quê?
5. Acha que o jornal pode ser um material para melhoria da oralidade e da escrita? Por quê?

APÊNDICE C – CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVAM: Quaisquer pessoas maiores de 16 anos residentes na cidade de Fraiburgo – SC

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, Silvia Izabel Gonçalves Kamphorst Avila pós-graduanda do curso de “Educação do Campo”, Lato Sensu, da UFPR (Universidade Federal do Paraná) portadora do RG 2. 662. 472 e CPF 774. 146. 679 – 87 e estabelecida na Rua: Rudi Antonio Dresch nº 561, Bairro: São Miguel na cidade de Fraiburgo - SC, cujo telefone de contato é (49) 3246 42 73 ou 8832 4244, estou desenvolvendo uma pesquisa cujo título é **A leitura de jornal como instrumento para ampliar a oralidade e escrita em uma escola de assentamento do MST – Análise de uma experiência pedagógica**. O objetivo deste estudo é **analisar o uso do jornal como material pedagógico e sua contribuição para ampliar a oralidade e escrita na Escola 25 de Maio**, e necessito que o Senhor (a) autorize a realização da entrevista, bem como a utilização de fotos e trechos da mesma para a análise e produção textual.

A participação é voluntária, e a mesma não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito do conteúdo sobre o uso do jornal como suporte pedagógico.

Informo que o Senhor (a) tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Junto a UFPR - Curitiba, fone 0(x) 41-, Rua: Curitiba-PR. com a Dr^a. Sônia Guariza Miranda (orientadora do projeto) ou com a própria pesquisadora.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa.

O Sr.(a) tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações necessárias.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à participação como informante. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação dos participantes, exceto genericamente com expressões como “informantes voluntários”.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa **A leitura de jornal como instrumento para ampliar a oralidade e escrita em uma escola de assentamento do MST.**

Esclarecerei minhas dúvidas a respeito da pesquisa com a pesquisadora Sílvia Izabel G. K. Avila e se for necessário com sua orientadora Dr^a. Sônia Guariza Miranda sobre a minha decisão em participar como informante do questionário e/ou entrevista proposta. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, a garantia de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que a participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo em participar voluntariamente e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

O presente termo será emitido sempre em duas vias, uma permanecendo com o pesquisador e a outra com o pesquisado.

Nome do informante:

Endereço da empresa que trabalha

Fone: () _____

Data ____ / ____ / ____

Assinatura do informante

Nome da pesquisadora: Sílvia Izabel Gonçalves Kamphorst Avila

Endereço: Rudi Antonio Dresch nº. 561

RG. 2. 662. 472

CPF. 774.146.679-87

Fone: (49) 3246 4273

Data ____ / ____ / ____

Assinatura da pesquisadora
